A OUTREMIZAÇÃO DE SEXTA-FEIRA, EM "ROBINSON CRUSOÉ"

Ozinete Carvalho Veiga¹ Elis Regina Fernandes Alves²

Resumo

Analisa-se o romance "Robinson Crusoé" (1719), de Daniel Defoe, sob a ótica do póscolonialismo, teoria que analisa na ficção literária as consequências da colonização sobre os sujeitos colonizados. O foco foi a outremização, verificando como Sexta-Feira era inferiorizado por Crusoé através da criação de estereótipos depreciativos sobre si. Conclui-se que Sexta-Feira foi considerado inferior por Crusoé por ser negro, pagão, inculto, por andar nu e não falar a língua europeia. Nota-se que o sujeito colonial, Sexta-Feira, tem suas crenças e valores negados pelo colonizador, Crusoé. O trabalho tem cunho bibliográfico, com base em autores como Bonnici (2003; 2005), Ashcroft et. all. (2000), Munanga (1988), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura pós-colonial; outremização; "Robinson Crusoé".

Abstract. It is analyzed the novel "Robinson Crusoe" (1719), by Daniel Defoe, on the view of post-colonialism, theory that analyzes in the literary fiction, the consequences of the colonization on the colonized subjects. The focus was the othering theory, verifying how Friday was inferiorized by Crusoe through the creation of derogatory stereotypes under himself. We conclude that Friday was considered inferior by Crusoe by being black, pagan, uneducated, by walking naked and not speaking the European language. We notice that the colonial subject, Friday, has his beliefs and values denied by the colonized, Crusoe. This work is bibliographic, based on authors such as Bonnici (2003; 2005), Ashcroft et. all. (2000), Munanga (1988), among others.

Keywords: post-colonial literature; othering theory; "Robinson Crusoe."

1 INTRODUÇÃO

A teoria literária pós-colonial surgiu na década de 70, buscando analisar obras literárias desenvolvidas durante e após a colonização, escritas por pessoas que viviam em países afetados pela colonização europeia. Neste sentido, a teoria literária pós-

Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, Brasil. e-mail: ozineteveiga@hotmail.com

² Professora Orientadora, Mestre pela Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil. e-mail: elisregi@hotmail.com

colonial verifica, nestas obras, os efeitos provocados pela colonização, como os meios empregados por colonizadores para dominar os sujeitos colonizados, os efeitos causados nos sujeitos colonizados ao verem-se como propriedade de outro povo, a dizimação de povos nativos, a negação da cultura local, a imposição de uma nova língua, dentre outros aspectos.

Dentre os aspectos observados pela teoria literária pós-colonial, temos a outremização, que se refere aos processos discriminatórios do sujeito colonizador em relação ao sujeito colonizado. A discriminação dá-se por estereótipos, ou seja, pela classificação dos aspectos essenciais do sujeito colonizado como negativos, como sua cor, cultura, língua, religião, etc. Essa "diferença" entre o colonizado e colonizador acaba universalizando-se através do discurso encantador, visto que é o próprio colonizador que constrói essa ideia de diferenciação, que por ter a cor branca considerase superior em tudo, seja na sociedade, na cultura, na religião, na língua e na cor.

Neste sentido, esse trabalho tem por objetivo verificar no romance de Daniel Defoe, "Robinson Crusoé", de 1719, o processo de colonização a que o nativo Sexta-Feira foi submetido, como ainda os meios estratégicos que o protagonista, Robinson Crusoé, utiliza para outremizar e subjetificar Sexta-Feira, seja por estereótipos ou até mesmo por força física. Embora o romance em questão seja canônico e não tematiza, especificamente, o processo de colonização, é notável que Crusoé representa o europeu que toma posse de um território e impõe em seu habitante, Sexta-feira, seus costumes, sua cultura, sua crença, negando ao nativo o direito de voz e de expressar suas ideias em sua própria terra. Por isso a análise deste romance sob a ótica da teoria pós- colonial se torna válida e interessante.

Este trabalho é de cunho bibliográfico e qualitativo, usando autores como Bonnici (2003 e 2005), Ashcroft (2000), Bhabha (1998), Munanga (1998), Todorov (1999), dentre outros. A teoria da outremização será discutida e, em seguida, trechos da obra analisada serão utilizados para mostrar quais os meios de outremização foram empregados por Crusoé para subjetificar Sexta-feira.

2 A LITERATURA PÓS-COLONIAL

A literatura pós-colonial é o grito de liberdade cultural (ou ideológica) das vozes silenciadas, que não aceitam os valores impostos pela elite e reivindicam a

opressão colonial e seus efeitos. Essa ruptura acontece nos anos 60 e 70, quando as nações independentes se desenvolvem no poder político, ficando livres para posicionar suas diferenças em relação ao imperialismo europeu, como diz Bonnici:

Admitir-se-ia, então, que as literaturas dos povos independentes estariam livres das manipulações coloniais que as degradaram e que daqui por diante teriam posição estética própria. (BONNICI, 2005, p.7).

Os colonizadores europeus implantaram como regra, nas sociedades colonizadas, seus próprios valores culturais, sociais e religiosos como únicos e verdadeiros. O imperialismo é exercido com estratégias visando total poder econômico sobre as colônias, e estas passam a submeter-se ao domínio europeu. O poder central utiliza a hegemonia (a aceitação aparente da classe dominante pela classe social e cultural do outro) para influenciar as demais classes do mundo e assim, oprimi-las com um imperialismo universal.

O discurso é uma arma de convencimento, este tem um poder de persuasão, um controle ao modo de pensar ou falar das pessoas, como diz Foucault: "o discurso reforça o poder e, ao mesmo tempo, o subverte." (apud BONNICI, 2003, p. 207). Compreendese que a influência do discurso seja muito grande no processo colonização, em que os indivíduos são limitados em seu próprio pensamento e fala, acabando por receber o discurso do colonizador que o domina e o controla, já que o colonizado encontra-se em situação de inferioridade física perante os colonizadores, sendo subjugados em seu próprio território. No entanto o poder do discurso está sujeito às mudanças, resultado disso é a rejeição do modelo eurocêntrico, com o passar do tempo, em uma voz póscolonial que se levanta com estratégias de discurso para contestar a hegemonia do discurso dominante.

A literatura europeia convence seus colonizados através de textos que elevam a superioridade cultural e até mesmo intelectual em relação às outras nações. Por meio dessas narrativas literárias o poder eurocêntrico é construído como o modelo a ser seguido. (BONNICI, 2005). Em oposição às regras do poder colonial, nasce a literatura pós-colonial, a voz dos silenciados pela classe dominante. "Portanto, a escrita pós-colonial inverte o sistema eurocêntrico de valores e faz perceber a história e a sociedade a partir da perspectiva daquelas vozes que foram silenciadas ou excluídas" (BONNICI, 2005, p.12). Esta literatura narra os acontecimentos das regiões colonizadas direta e

indiretamente de povos que sofreram a perda de identidade vivendo à maneira do colonizador. A literatura pós-colonial surge após a independência política, quando os colonizados recebem forçadamente a educação europeia e percebem que podem empregar os instrumentos, como, por exemplo, a linguagem dessa cultura, para contrapor às idéias da literatura europeia. (ASHCROFT et. all., 2000).

O escritor colonizado se utiliza da língua europeia para mostrar sua revolta e resistência aos discursos da cultura dominante, e ainda por meios de outros instrumentos como: o teatro, o filme, a filosofia. A voz resistente do colonizado é atingida através da "mímica", quando o colonizado aproveita o que lhe foi imposto para lançar uma nova visão de mundo, já que este nativo tem o conhecimento dos dois mundos. (BONNICI, 2005)

Nos textos pós-coloniais, observam-se estratégias com o objetivo de impactar e distanciar o leitor da visão eurocêntrica. Inicialmente, os textos nas colônias eram produzidos por viajantes, administradores, soldados, esposas de administradores coloniais e religiosos que marginalizavam o nativo, pois possuíam uma visão totalmente eurocêntrica da colonização. É o caso da Carta de Caminha, por exemplo, que representa a terra e os nativos de forma estereotipada. Em um segundo momento, os textos eram escritos por nativos que haviam sido educados na metrópole e eram supervisionados por estes, valorizando as atitudes dos colonizadores. Neste caso, exemplos clássicos são as obras indianistas de José de Alencar, em que o índio é descrito de forma quase europeizada. E uma terceira forma de estrita nas colônias é a mais recente, em que os sujeitos coloniais começaram a distanciar-se dos padrões europeus, usando a literatura como arma, meio de denúncia dos problemas acarretados pela situação da colonização. Aqui, há uma gama de exemplos possíveis, começando com "E o mundo se despedaça", (1958), de Chinua Achebe, nigeriano que conta a história da fragmentação de uma tribo Ibo na Nigéria recém colonizada. (BONNICI, 2003).

A literatura pós-colonial mais recente, então, costuma narrar como a tradição e os valores de povos nativos foram comprometidos, e até mesmo extinguidos pelo poder central, e como o modelo cultural eurocêntrico transformou a identidade do nativo. Neste sentido, a crítica literária pós-colonial busca analisar como, também, a cultura pré-colonial foi influenciada pelas ideologias e paradigmas do colonizador, que definiu a identidade e objetificou o sujeito, classificando-o como subalterno, por sua cultura,

seus costumes, pensamentos, ideologias serem diferentes do modelo "correto" do europeu. Percebe-se, então, que a Europa, colonizadora, posicionou-se como poder central em relação às suas colônias e assim estabeleceu suas regras ao colonizado, classificando-o como o *outro*, o sujeito humilhado pelo discurso imperial: "O outro é o excluído que começa a existir pelo poder do discurso colonial". (BONNICI, 2005, p.47). Neste sentido, nota-se que o colonizado passa a ser *outro* apenas após a chegada do colonizador, que cria a diferença. (ASHCROFT et. all., 2000).

A literatura pós-colonial traz obras escritas pelos silenciados, pessoas que sofreram a transformação ou formação de sua identidade pelo colonialismo, e para reivindicar direitos ou mudar paradigmas narram fatos ocorridos durante e após a colonização. Os textos apresentam as experiências do colonizado, e sua resistência e subversão ao discurso europeu, a partir de sua visão sobre o fato da colonização, além de denunciar, também, os meios empregados para a relegação do colonizado a uma condição de alteridade. Vejamos, então, quais são os meios de outremização dos povos colonizados.

3 A OUTREMIZAÇÃO

Pode-se dizer que toda a diferença posta entre o branco e o negro partiu do discurso produzido por europeus, criando a classe de quem é superior (colonizador) e inferior (colonizado), a partir da experiência da colonização. (ASHCROFT et. all., 2000). O discurso utilizado para criar esta diferença tinha, muitas vezes, características de sedução, de modo que seu poder foi tão forte que sua repercussão ainda ecoa, e ainda hoje se costuma atribuir ao negro e ao indígena o desprezo por sua identidade moral, intelectual, física, cultural.

A diferença descrita acima é chamada de outremização, ou seja, é a discriminação sobre o sujeito pós-colonial por meio de estereótipos, da criação de características negativas sobre os sujeitos pós-coloniais. A cor é a principal marca do preconceito, a pele negra é vista como suja, que identifica o mal, sendo o sujeito negro visto como alguém não confiável, na concepção de que todo negro é ladrão, perverso, por isso acaba sendo, muitas vezes, colocado à margem da sociedade. Há também o preconceito quando o colonizador, ao escravizar o negro, diz que ele é preguiçoso, não

rende no trabalho, "mas isso não era preguiça, e sim uma resistência, uma rebelião diante do trabalho desumano, forçado e sem remuneração, em revolta passiva." (MUNANGA, 1988, p.22).

Os estereótipos foram o meio mais utilizado para outremizar o sujeito póscolonial, de modo que ele foi nomeado como preguiçoso, pagão, sem cultura, selvagem, canibal, além de andar nu, descalço, não ter escrita, e sua linguagem nativa ser considerada desprezível. Como diz Munanga: "Sexualidade, nudez, feiúra, preguiça e indolência constituem temas-chave da descrição do negro na literatura científica da época." (1988, p.16).

Tais estereótipos foram tantas vezes repetidos pelos colonizadores e por todas as gerações seguintes, que o próprio sujeito colonial passou a acreditar-se inferior. (BONNICI, 2005). Criou-se a diferença, então, entre o europeu (colonizador) e o não-europeu (colonizado). O "outro", com letra minúscula, é o sujeito marginalizado, o colonizado, distinguido pela pigmentação de sua pele escura, cabelos enrolados, é o não-branco. Já o "Outro", com letra maiúscula, é o sujeito idealizado, o colonizador, de cor branca, olhos azuis, cabelos lisos e claros, o europeu.

Outra forma de outremizar foi através da "missão civilizadora", visto que os europeus não aceitavam a cultura do nativo, daí o "outro" é convencido de que não possui uma cultura, de que sua língua não está correta, de que ele precisa de uma crença, já que a sua é ignorada. (TODOROV, 1999). As missões cristãs na verdade foram entidades que visavam interesses lucrativos, impondo a religião cristã aos sujeitos colonizados como forma de dominá-los e mascarar a busca pelas riquezas naturais da terra colonizada, como diz Bonnici: "A missão civilizacional é a convicção de que certas nações tinham uma vocação para civilizar outros povos encontrados em estágios supostamente inferiores de desenvolvimento." (2005, p.41).

Todos os artifícios utilizados pela classe colonizadora, nas palavras de Munanga: "utilizando-se de mecanismos repressivos diretos (força bruta) e indiretos (preconceitos raciais e outros estereótipos)" (1988, p.11), fizeram com que os negros, por fim, acreditassem que eles eram "menores", inferiores, e juntamente com isso veio à aceitação da colonização, porquanto tudo que era do branco seja a cultura, as vestimentas, a aparência, os adereços, a tecnologia, a economia, tornou-se sedutor, a ponto de não perceberem o real intuito dos colonizadores.

A diferença dos costumes e práticas do sujeito nativo em relação ao sujeito colonial existia, porém o que torna o sujeito pós-colonial outremizado é o discurso discriminatório do colonizador, ao apontar suas atitudes como erradas, feias, ignorantes, sem valor algum, levando-os a aceitarem-se como tais. O "Outro", o sujeito europeu, passa a ter então, todos os valores que não há no "outro", e o sujeito colonial passa mesmo a exaltar o colonizador, considerando o europeu superior em tudo, na religião, na escrita, na língua, na cultura. Na verdade quem cria os estereótipos sobre o negro é o branco, segundo Bhabha: "Os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado" (1998, p.73).

O objetivo de transformar a identidade do nativo em "outro", inferior e merecedor de punições ou ensinamentos para mudar ocorreu quando os colonizadores perceberam que as colônias seriam "como fonte de matérias-primas que sustentariam por muito tempo o poder central da metrópole" (BONNICI, 2003, p.210). A partir disso, temos a inserção das missões civilizadoras para dominar o sujeito colonial e, quando tal não funcionava, havia o uso da força bruta e a adoção do regime escravocrata, mantendo a hierarquia entre "outro" e "Outro", posto que: "O colonizador, seja espanhol, português, inglês, se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado na ciência e na literatura" (BONNICI, 2003, p.212).

Através dos estereótipos, o sujeito colonial foi considerado como subalterno, e é preciso que se diga que a mulher foi duplamente colonizada, tanto pela sociedade indígena quanto pelo poder colonial. "Requer-se, portanto, levar em consideração a dupla colonização, à qual foram submetidas, oriunda da discriminação geral como sujeitos colonizados e a discriminação delas como mulheres." (BONNICI, 2005, p.30).

Nas situações de colonização, o poder imperial criou as chamadas oposições binárias, estabelecendo-se como centro e, o que não está no centro, é considerado periférico, marginal. O centro só é centro porque havia um discurso que o exaltava por sua ciência, civilização, e tudo que não pertence à colônia está à margem da cultura idealizada, europeia. No entanto, essa hierarquia tinha uma finalidade, como afirmam Ashcroft et al.: "A construção do binário Outro-outro e a fabricação da alteridade foram estratégias primordiais para a inferiorizarão do nativo e, metonimicamente, para a posse da terra que lhe pertencia" (2000, p. 170).

Apesar de a imagem infligida pelo colonizador ao negro e aos indígenas por meio de estereótipos ter ocorrido durante a colonização, ela percorre as nações e os tempos, transferindo essa imagem depreciativa através das histórias/estórias as quais mostram sempre o negro e o indígena como o maligno, preguiçoso, depravado sexualmente, etc. Como já dito, durante o processo colonizador o sujeito pós-colonial marginalizado é bombardeado pelo discurso depreciativo do colonizador (a quem considera como a fonte de poder, ciência e verdade) e acaba aceitando a identidade proposta pelo discurso alienador, como vemos:

A pele, como o significante chave da diferença cultural e racial no estereótipo, é o mais visível dos fetiches, reconhecido como "conhecimento geral" em uma série de discursos culturais, políticos e históricos, e representa um papel público no drama racial que é encenado todos os dias nas sociedades coloniais. (BHABHA, 1998, p.121)

Nas histórias infantis os brancos sempre são apresentados como heróis, e os negros como demônios, e ainda nos tempos atuais essa visão se mantém nos filmes, teatros, etc, em que o bonito e o bom são representados pelo branco, enquanto o feio e o mau são representados pelo negro, um olhar deixado pelo passado enfatizando a ambivalência, herança do binarismo estabelecido pelo poder europeu durante o processo colonial. Durante a análise desse trabalho, veremos essa oposição binária na obra "Robinson Crusoé", de Daniel Defoe, mostrando em que posição o negro é colocado em relação ao branco, enfatizando de que modo o sujeito negro é outremizado pelo branco nesta ficção literária.

4 OUTREMIZAÇÃO EM "ROBINSON CRUSOÉ"

Daniel Defoe (1660-1731) foi um romancista inglês e escritor político, mais precisamente um escritor de ficção literária. Apesar de ser membro de uma família pertencente da igreja Anglicana, não se ateve à vida religiosa, sua juventude foi marcada por muitas aventuras comerciais, como também por atração pela política. Sua obra mais conhecida é "Robinson Crusoé", de 1719, que lhe fez imortal. (BURGESS, 2003).

A obra de Daniel Defoe, "Robinson Crusoé", é uma narrativa que mostra a complexa estratégia de outremizar e objetificar o sujeito pós-colonial por meio do

discurso europeu de inferiorização do nativo e ainda por imposição de violência física. O romance é epistolar e conta a história de Robinson Crusoé, que tem seu navio naufragado e acaba por passar 28 anos em uma ilha, na região de Trinidad e Tobago. Na ilha, ele relata o que fez para sobreviver e seu encontro com canibais, moradores de ilhas próximas. Além disso, salva um destes canibais de ser morto e o chama de Sexta-Feira, que se tornará seu servo na ilha. É resgatado anos depois e retorna à Inglaterra.

Concentrando-se na obra, desde o início, nota-se o preconceito por parte de Robinson em relação aos moradores vizinhos da ilha para onde está indo, que são os negros e indígenas daquela região. Mesmo antes de se perder na ilha ele já tem certo preconceito, uma visão binária de que o europeu é sempre o melhor em relação aos outros que não fazem parte de sua cultura, o que se nota quando ainda em uma de suas viagens aventureiras ele chama um mouro chamado Xuri para fugir da atual tripulação a que pertencia e, persuadindo-o, diz que se for fiel fará dele um grande homem, desconsiderando assim sua identidade. Mas, ao ser convidado por outra tripulação, Robinson entrega Xuri como se entrega um objeto e em troca diz ao capitão que deve libertá-lo em 10 anos caso se torne cristão. Além disso, notamos o pensamento binário de Robinson quando ele mostra como achava muito fácil negociar com os negros para trabalhar:

Em conversa com eles, contava-lhes muitas vezes minhas duas viagens à costa da Guiné, a maneira de barganhar com os negros em grande quantidade para virem trabalhar nos Brasis. (DEFOE, 2000, p.46)

Vemos, acima, como o protagonista não trata os negros como homens, chamaos, sempre "negros", maneira de enfatizar lhes a cor, diferente da sua. Ao analisar a diferença entre o negro e o branco, observa-se que Robinson é europeu, tem a pele de cor branca, de olhos azuis, é cristão, e tudo que seja diferente dele é outremizado, desvalorizado.

Robinson mostra um comportamento de superioridade, e mesmo quando se perde na ilha seu eurocentrismo não é abolido. Ao perceber que existem pessoas na ilha além dele, logo os nomeia como selvagens, quando diz: "Entretanto, tomei tamanho horror àqueles infames selvagens... Ganhei tal aversão àquelas criaturas infernais..." (DEFOE, 2000, p.125). Usando o termo "selvagens", Robinson os deprecia.

Certa vez, os canibais resolvem fazer um ritual do lado da ilha em que Robinson estava, e apesar de ficar apavorado, acaba salvando um prisioneiro que seria o próximo a ser sacrificado pelos canibais rivais. E nessa situação de salvar o fugitivo faz dele escravo e companheiro. Apesar de não compreender a língua do nativo, Robinson entende por meios de gestos a gratidão do nativo por ter sido salvo, e logo lhe dá um nome, Sexta-Feira. Observa-se que o nome de Sexta-Feira não é um nome comum a se dar para alguém, é uma maneira de outremizar seu escravo, pois marca o dia da semana em que foi encontrado: "Ensinei-lhe, antes do mais, que seu nome seria sexta-feira, dia em que o salvara" (DEFOE, 2000, p. 145).

Os habitantes das ilhas vizinhas a que Robinson estava tinham a prática de canibalismo, a quem chama de "selvagens". Num certo dia Robinson encontra crânios, ossos espalhados na praia, ficando muito temoroso, pois pensa que sua vida estava em risco. Ele descreve como foi sua reação ao presenciar este fato dizendo:

Foi tal meu espanto à vista dessas coisas que durante bastante tempo não tive nenhuma ideia de perigo. Fiquei completamente absorto a pensar naquela orgia de bestial e diabólica crueldade e nos horrores da degenerescência humana. Embora já tivesse ouvido falar no fato muitas vezes, nunca estivera tão perto de presenciá-lo. Cheio de náuseas, voltei o rosto para fugir àquele horrível espetáculo. Estava a ponto de desfalecer quando me pus a vomitar violentamente. Fiquei um tanto aliviado, mas não consegui permanecer mais no local um só minuto. (DEFOE, 2000, p.124)

Os ritos da nação de Sexta-Feira são reprovados por Robinson, que é preconceituoso a esse ritual que considera inumano e cruel, tanto que ele agradece a Deus por não pertencer a esses "selvagens" habitantes: "... dei graças a Deus por me ter feito nascer em uma parte do mundo onde não me misturava àquelas terríveis criaturas." (p.124). Vemos que Robinson considera como inferior a cultura diferente da sua, não a entende e condena-a. Nota-se que sua condenação é tamanha que fica por muito tempo lembrando-se daquela situação que presenciara.

Entretanto, tomei tamanho horror àqueles infames selvagens e ao miserável e inumano costume de devorar carne humana que, depois disso, passei quase dois anos pensativo e triste, dentro de meus domínios. (DEFOE, 2000, p.125)

Robinson tem aversão ao hábito da antropofagia, e ensina a Sexta-Feira a não ser mais um canibal, como na citação a seguir: "Pensei em fazer Sexta-Feira saborear carne que não a humana a fim de arrancá-lo ao horrível hábito da antropofagia."

(DEFOE, 2000, p.147). No entanto, apesar de Robinson achar abominável o ato de matar para comer carne humana, sua atitude em relação ao que vê é contraditória, pois logo em seguida ele faz um plano para matar os canibais. Neste sentido, nos questionamos: O que é humano ou desumano? Os canibais que matam no combate como ritual de vitória sobre o inimigo, ou, o europeu que mata só por discordar de tal prática? "Não pensava em outra coisa, dia e noite, senão na maneira de exterminar alguns daqueles monstros quando empenhados no festim sangrento." (DEFOE, 2000, p.126), Percebe-se aqui a raiva de Robinson, mas esse pensamento não seria o mesmo sentimento com que os canibais viam os guerreiros inimigos?

Inferioriza também a língua que Sexta-Feira possui, "ensinando" a língua europeia. Não seria Robinson que deveria aprender a língua de Sexta-Feira, já que aquele estava morando no lugar alheio? O que seria correto? A atitude de Robinson que se aproveita da ignorância de Sexta-Feira para fazê-lo escravo, ou a prática de antropofagia? Vemos que o sujeito europeu coloca-se como centro e quem não se "encaixa" nas regras deste centro são considerados errados, inferiores. Por isso, ao longo de toda a narrativa, Robinson não tenta aprender a língua de Sexta-feira, pois, a seu ver, sua língua é a correta.

Robinson descreve com detalhes as características físicas de Sexta-Feira, dizendo:

Era um belo tipo, elegante, bem proporcionado, alto, robusto e, segundo me pareceu, de uns vinte e seis anos de idade. Tinha aspecto agradável e não feroz ou brutal. A fisionomia era varonil, embora não lhe faltasse a doçura e a suavidade do semblante europeu, máxime quando sorria. Os cabelos eram compridos e pretos, e não crespos como lã de carneiro. A fronte era alta e larga, os olhos vivos e penetrantes. A pele não era negra retinta, porém, acobreada, mas não daquele horrível acobreado, amarelecido, e nojento, dos índios do Brasil, da Virgínia e de outras regiões da América. Era um tom azeitonado, brilhante, muito agradável, ainda que difícil de descrever. O rosto era redondo e cheio, o nariz pequeno e não achatado como o dos negros. A boca era muito bem feita, tinha os lábios finos e os dentes bonitos, regulares, alvos como marfim. (DEFOE, 2000, p. 145)

Observa-se na descrição acima o preconceito de Robinson com o negro, principalmente do Brasil e Virgínia e das Américas, em geral. Ao se referir à fisionomia de Sexta-Feira, Robinson não o despreza totalmente porque seu semblante se parece com o do europeu, ou seja, os traços do europeu são considerados como belos e perfeitos, e se Sexta-Feira não tivesse esse semblante europeu, com certeza Robinson o

trataria com mais desprezo como quando se refere às regiões da América. É a outremização do sujeito pós-colonial, considerado diferente e feio por não seguir o padrão físico do europeu.

Durante a narrativa, o discurso de Robinson sobre o Sexta-Feira é sempre negativo, mostrando o nativo sempre como marginal, outremizando-o por meio dos estereótipos. O preconceito que tem em relação à Sexta-Feira é pela sua cor, crença, por sua nudez, seus costumes, tudo que se refere a ele é visto como "outro", inferior. "Ensinei-lhe, também, a dizer "Senhor" e, em seguida, dei-lhe a conhecer que esse seria meu nome" (DEFOE, 2000, p.145). Robinson se preocupa em "ensinar" a ele tudo, se colocando como o "Outro" superior, por sua língua, sua forma de vestir, suas atitudes, e sua religião, sem levar em conta que Sexta-Feira já possui tudo isso e não precisaria receber tais ensinamentos. Vemos que o sujeito colonizador, que é representado por Robinson, não aceita a cultura do sujeito colonizado, representado por Sexta-feira, e tenta negá-la, diminui-la, extingui-la mesmo.

Robinson pertence a uma religião cristã e pelo preconceito de tudo que se refere à Sexta-Feira, inclusive sua religião, procura ensinar a "verdadeira" religião, pois vê Sexta-Feira como um pagão, ignorante por andar nu, e por ser canibal precisa aprender a doutrina cristã para salvar-se. O deus de Sexta-Feira é "Benamuque", mas é inferiorizado por Robinson, mostrando com comparações que o Deus que Robinson servia era maior que "Benamuque", era o criador de tudo, que vivia no céu, ao contrário do deus de Sexta-Feira que morava além das montanhas.

Expliquei-lhe a maneira de orar a Deus, que era capaz de ouvir-nos, mesmo do céu. Um dia, Sexta-Feira confessou-me que, se o nosso Deus podia ouvir-nos, ainda que vivendo para lá do sol, devia ser um Deus maior que "Benamuque", o qual vivia, apenas, um pouco além, e, assim mesmo, só os podia ouvir quando subiam às grandes montanhas, onde ele vivia. (DEFOE, 2000, p. 151,152)

Nessa citação nota-se que Sexta-Feira é convencido pelo discurso de Robinson de que seu deus é inferior, passando a acreditar que somente o deus de Robinson é o verdadeiro e maior que o deus "Benamuque". Este convencimento é o mesmo que foi utilizado pela missão civilizadora, por achar que a crença dos negros e índios não era a "verdadeira", ou melhor, eram considerados como pagãos, só por não pertencerem à religião cristã.

Robinson ensina a Sexta-Feira a utilizar arma de fogo, algo que nunca tinha visto antes, no entanto, vê-se uma forma de deboche pela ignorância que Sexta-Feira possui em relação à arma de fogo, como diz: "Entrementes, sabedor da completa ignorância de Sexta-Feira relativamente à espingarda, aproveitei o momento para carregá-la de novo, sem que ele visse." (DEFOE, 2000, p. 148). Nota-se que o europeu sempre se coloca como superior, por suas práticas, caso alguém desconheça são considerados ignorantes. É assim que Robinson pensa a respeito de Sexta-Feira, sem conhecimento, errado e inútil, pois sua visão binária faz com que ele considere desprezível tudo que se refere à cultura de Sexta-Feira.

Quando Robinson decide ter uma companhia, tem em mente também ter um escravo, e é Sexta-Feira que vai fazer todo o serviço braçal, tornando-se um escravo. Robinson se aproveita de Sexta-Feira, que tem boas intenções, e apesar de trabalhar como pagamento de sua vida que foi poupada, Robinson utiliza da habilidade de Sexta-Feira para fazer os trabalhos árduos: "Em pouco tempo, Sexta-Feira tornou-se capaz de fazer todo o serviço para mim, tão bem quanto eu próprio" (DEFOE, 2000, p.149). É inegável que os europeus utilizavam o trabalho escravo para seus próprios benefícios, considerando os nativos como seres não dotados de intelectualidade, aptos apenas ao serviço braçal.

Ainda que Robinson chame Sexta-Feira de amigo, também o chama de selvagem e bugre: "Coisas que me ocorriam naturalmente, na faia de ensinar ao pobre selvagem. [...] Dessarte, fosse qual fosse o comportamento do desgraçado bugre, teria razões de sobra para agradecer e tê-lo encontrado". (DEFOE, 2000, p. 152). Vemos uma relação de hierarquia aqui, ao mesmo tempo em que Robinson é agradecido pela companhia de Sexta-Feira, deixa claro que ele é "senhor" e Sexta-Feira "servo". Logo depois de algum tempo os canibais voltam à ilha para realizar outro ritual, e é nesse evento que o pai de Sexta-Feira e um espanhol são resgatados, e todos passam a serem escravos de Robinson que se sente como um rei em seu "castelo": "Pensava muitas vezes, e tinha prazer nisso, em que me parecia muito com um rei... Era o senhor absoluto, a origem da lei. Todos me deviam a vida e estavam prontos a morrer por mim, se se apresentasse a ocasião." (DEFOE, 2000 p. 165). Robinson se posta como centro, e os outros, seus escravos, estão à margem, servindo-o.

A tentativa de "civilizar" ou mudar os hábitos de Sexta-Feira acaba sendo satisfeita, ele aprende a língua do branco, passa acreditar no Deus cristão, não anda mais

nu, e aprende a trabalhar. A relação entre Robinson e Sexta-Feira chega ao fim numa das viagens rumo ao Brasil. Sexta-Feira é morto pelos silvícolas durante a navegação. Logo parece que Robinson sente tristeza pelo fato de perder um amigo e servo fiel, mas depois nota-se que Sexta-Feira é esquecido, não é relatada tanta dor ou choro pela sua morte.

Fiel e infeliz Sexta-Feira! Eu quis que ele fosse sepultado de um modo conveniente e com toda a solenidade possível. Foi metido em um caixão e lançado ao mar; depois, mandei disparar onze tiros de canhão em sua honra. Assim prestei minha homenagem póstuma ao mais honrado, ao mais leal, ao mais grato ao mais querido servidor que algum dia passou por este mundo... (DEFOE, 2000, p. 299).

Seria Sexta-Feira um amigo de Robinson ou apenas um escravo fiel como ele mesmo cita?

Em vários momentos são visto meios de outremizar o nativo por estereótipos que o inferiorizam. Robinson invade a terra, nega as práticas e vontades de Sexta-Feira, começando pela exploração do território que não lhe pertence. Ao utilizar dessa soberania de "senhor" da ilha, Sexta-Feira torna-se um sujeito estereotipado, caracterizado como pagão por não pertencer à sua crença, canibal, inculto, negro, ou seja, inferior a tudo em relação a Robinson, que se considera superior. Robinson possui uma visão binária, e por isso subjetifica e outremiza Sexta-Feira com seu olhar eurocêntrico.

5 CONCLUSÃO

Verifica-se nesse trabalho uma complexa existência de eurocentrismo na obra de Daniel Defoe "Robinson Crusoé", e os meios que o europeu utiliza para colonizar o nativo. Para melhor compreensão foi utilizada a Literatura pós-colonial e empregada a teoria da outremização que explica o modo desprezível que o colonizador utiliza para tornar o nativo como "outro", objeto, inferior, modificando a vida de livre-arbítrio de um nativo através de regras eurocêntricas e leis enviesadas.

Robinson vê em Sexta-Feira um excelente escravo, que pode fazer os trabalhos mais pesados, que pode mudar seus hábitos para falar, vestir, comer como um europeu, não se importando com a cultura, língua, costumes que Sexta-Feira possui. Nesse olhar,

Robinson transforma os costumes de Sexta-Feira invertendo os valores, ou seja, a sociedade a que Robinson pertence é vista como superior à de Sexta-Feira, daí o interesse de "catequizá-lo" e "civilizá-lo". A dicotomia apresentada por Robinson é típica do europeu, que por meios estratégicos, seja pelo discurso sedutor, trabalho escravo, ou catequização, chega a um objetivo, o de degradação moral do nativo e uso de sua mão-de-obra.

Esta obra é bastante ampla, podendo ser analisada em outras vertentes, como as diferentes culturas que surgiram por meio da colonização, o processo econômico, o capitalismo, contestações da fé, comercialização de negros e outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Key Concepts in Post-Colonial studies.** London: Routledge, 2000.

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Glaucia Renata Goncalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, T; ZOLIN, L.O. (orgs). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003. p. 205-220.

BONNICI, Thomas. Conceitos chave da teoria pós-colonial. Maringá: Eduem, 2005.

BURGESS, Anthony. **A literatura Inglesa**. 2ª Ed. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 2003.

DEFOE, Daniel. Robinson Crusoé. São Paulo: Martin Claret, 2000.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: Usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1988.

TODOROV, T. **A conquista da América**: a questão do outro. Trad. Beatriz Perrone Moisés. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.